



Epistemologias contracolônialistas: questões ambientais e saberes quilombolas¹

Maria Tainá Rodrigues de Sousa Paulo²
Universidade Federal do Ceará (UFC)
<https://orcid.org/0009-0000-8268-3914>

Nara Maria Forte Diogo Rocha³
Universidade Federal do Ceará (UFC)
<https://orcid.org/0000-0001-5040-1492>

Resumo: O artigo realiza uma análise sobre a crise ambiental atual, a partir de um olhar crítico sobre o processo de colonização das américas e os saberes trazidos pelas epistemologias contra colonialistas. Para tanto, a pesquisa foi estruturada de modo qualitativo e utilizou a revisão bibliográfica das obras do autor, filósofo, poeta e mestre quilombola Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo). O estudo revelou a insuficiência da visão euro cristã colonialista, dominante nas ciências, produção e estilos de vida, para resolver problemas ambientais atuais. Portanto, é necessário aliar-se a saberes marginalizados em nossa história. E que na ancestralidade, esses conhecimentos sempre preservaram o planeta e respeitaram os direitos da natureza. Dessa forma, pretende-se apresentar neste estudo, através das obras do Nêgo Bispo, formas de construir caminhos mais respeitosos e harmoniosos com o Planeta Terra.

Palavras-chave: Colonialismo. Quilombo. Meio Ambiente. Saberes. Educação Ambiental Crítica.

Epistemologías contracoloniales: cuestiones ambientales y conocimientos quilombolas

Resumen: El artículo buscó realizar un análisis de colonización de las Américas y los conocimientos traídos por las epistemologías contra colonialistas. Para ello, la investigación se estructuró de forma cualitativa y utilizó una revisión bibliográfica de las obras del autor, filósofo, poeta y maestro quilombola Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo). El estudio demostró que los conocimientos centrados en la visión euro cristiana colonialista que domina las ciencias, los modos de producción y los modos de vida son incapaces de presentar respuestas a estos problemas ambientales ante la actual crisis ambiental, por lo que es necesario buscar una alianza con el conocimiento marginado de nuestra historia, pero que desde sus antepasados siempre ha custodiado el planeta y respetado los derechos de la naturaleza. Por lo tanto, este estudio pretende presentar, a través de las obras de Nêgo Bispo, formas de construir caminos más respetuosos y armoniosos con el Planeta Tierra.

Palabras-clave: Colonialismo. Quilombo. Medioambiente. Conocimiento. Educación Ambiental Crítica.

¹ Recebido em: 29/07/2024. Aprovado em: 18/03/2025.

² Mestranda em Políticas Públicas e Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Saúde Mental pela Faculdade de Quixeramobim (Uniq). Email: mariatainapsi@gmail.com

³ Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Email: narafdiogo@ufc.br

Countercolonialist epistemologies: environmental issues and quilombola knowledge

Abstract: The article sought to conduct an analysis of the current environmental crisis, from a critical perspective on the process of colonization of the Americas and the knowledge brought by counter-colonialist epistemologies. To this end, the research was structured in a qualitative manner and used a bibliographic review of the works of the author, philosopher, poet and quilombola master Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo). The study demonstrated that the knowledge centered on the Euro-Christian colonialist vision that dominates the sciences, modes of production and ways of life are incapable of providing answers to these environmental problems in the face of the current environmental crisis. Thus, it is necessary to seek an alliance with knowledge that has been marginalized in our history, but that since its ancestry has always protected the planet and respected the rights of nature. Therefore, this study aims to present, through the works of Nêgo Bispo, ways of building more respectful and harmonious paths with Planet Earth.

Keywords: Colonialism. Quilombo. Environment. Knowledge. Critical Environmental Education.

INTRODUÇÃO

O futuro do ser humano na Terra e seu relacionamento com o ambiente ao seu redor são temas de grande relevância atualmente. A exploração e extração da natureza, impulsionadas pela visão euro cristã, geraram uma emergência ambiental. Essa situação precisa ser discutida e trabalhada, pois o modelo de pensamento dominante atual não consegue oferecer respostas para os problemas ambientais. Assim, diante do esfacelamento dos modos de produção de respostas atuais, mostra-se necessário buscar uma aliança com saberes que desde a sua ancestralidade sempre guardaram o planeta e respeitaram os direitos da natureza.

Como Donna Haraway (2023) aponta, a gramática para dar respostas aos problemas na atualidade ruiu e na medida que isso acontece é necessário pensar em novas formas de interpretar e dar respostas. É nessa busca pelo novo caminho que se retorna ao passado esquecido das raízes ancestrais. Retornar a saberes marginalizados em nossa história é um desafio e bastante relevante quando analisamos a ausência de políticas públicas eficazes para fortalecer os conhecimentos dos Povos Indígenas, Quilombolas e Comunidades Tradicionais.

Assim, entende-se que com o processo de colonização europeia foi carregada de apagamento e de negação das ciências, dos saberes e das línguas ancestrais de povos que podem contribuir para pensar modos de vida diferentes.

Neste estudo objetiva-se apresentar, através das epistemologias contracoloniais presentes nas obras do Nêgo Bispo, formas de construir caminhos

mais respeitosos e harmoniosos com o Planeta Terra. Segundo Antônio Bispo dos Santos (2015), as epistemologias contracolonialistas são abordagens de produção e validação do conhecimento que desafiam as bases eurocêntricas e coloniais que historicamente dominaram o campo científico e educacional. Elas buscam reconhecer e valorizar formas de saber, origens de culturas e comunidades marginalizadas pelo colonialismo, como indígenas, africanas, afrodescendentes e outras populações locais.

Essas epistemologias rejeitam a ideia de uma posição universal do conhecimento, na qual os saberes ocidentais são considerados superiores, e propõem uma visão pluralista, que valoriza a diversidade epistêmica. Isso inclui práticas, narrativas, cosmologias e modos de interação com o mundo que muitas vezes foram apagados ou deslegitimados pela colonização.

Essas epistemologias refutam a ideia de uma supremacia do conhecimento ocidental. Propõe um pluralismo, valorizando a diversidade epistêmica. Isso engloba práticas, narrativas, cosmologias e interações com o mundo, que a colonização muitas vezes apagou ou deslegitimou.

Por exemplo, epistemologias coloniais veem frequentemente a natureza como algo à parte, destinado à exploração. Em contraste, as epistemologias contra colonialistas promovem uma visão integrada. Aqui, os seres humanos são vistos como parte de sistemas ecológicos interconectados. Assim, elas oferecem novos caminhos para a construção de soluções sociais, ambientais e educacionais mais justas, inclusivas e culturalmente relevantes.

Segundo o autor quilombola Santos (2015), as epistemologias contracolonialistas emergem com a chegada dos colonialistas e com o deslocamento do ser humano para o centro de maior importância em comparação com os outros seres do planeta. O contracolonialismo surge como forma de resistência dos conhecimentos das comunidades indígenas⁴ que habitavam o Brasil, dos africanos desde a África e posteriormente dos quilombolas e outros povos que se recusam a experimentar o processo de colonização, grupos que vivem em um sistema de cosmologia politeísta, integrados cosmologicamente com o meio ambiente.

⁴ A concepção apresentada aqui dos povos indígenas se refere às trazidas pelo autor Antônio Bispo dos Santos em seus livros.

Na perspectiva do filósofo indígena Ailton Krenak, o futuro é ancestral, pois, em suas palavras: “Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui” (Krenak, 2022), ou seja, o futuro habita e reúne presente e passado. Os jovens do presente são portadores do passado (ancestralidade) e estão prenhes de devires. O mestre Antônio Bispo dos Santos (2023) reiterava que somos comunidades demasiadamente envolvidas (com a vida em todas as suas formas e mesmo com os demais seres não vivos, mas que possuem valor simbólico e afetivo para nós); portanto, o (des) envolvimento não nos cativa.

Segundo Santos (2015) esse envolvimento com todos os seres habitantes do planeta está presente nos modos de viver dos povos quilombolas e marca essa diferenciação, entre povos colonizadores e colonizados afro-pindorâmicos² no Brasil. Essa diferenciação é baseada em cosmovisões diferentes e essas cosmovisões³ se diferenciam principalmente a partir da biointeração³ dos povos tradicionais ancestrais com a natureza e com seus Deuses. A biointeração se demonstra uma ameaça à cosmovisão colonizadora, pois apresenta uma relação de circularidade, não existindo uma hierarquização com a natureza.

Nos saberes tradicionais quilombolas, não se concebe uma entidade chamada humanidade separada da natureza, posicionada como o centro do universo. Portanto, não se concede ao ser humano o direito de utilizar os recursos naturais a seu bel-prazer, priorizar seu bem-estar imediato e ignorar as consequências de suas ações para os demais seres vivos.

Assim, compreende-se que as comunidades tradicionais, como as indígenas e quilombolas, possuem saberes importantes a serem estudados e fortalecidos em seus modos de se relacionar com a natureza e com a terra em que vivem. É por isso que uma interação com a natureza transfluída (Santos, 2015; 2018) é possibilitada pela mediação dos saberes tradicionais, porque o seu respeito ao meio ambiente está impresso na própria ancestralidade.

Compreender modos de se relacionar com a natureza diferentes dos saberes dominantes, os saberes não baseados na utilidade e no acúmulo das coisas, nos permite analisar melhor questões atuais de extrema urgência, como as questões ambientais. Problemas que não podem ser mais ignorados, pois diariamente vivencia-se inúmeras

notícias publicadas nas mídias ou constata-se pela a própria experiência a degradação do meio ambiente e a destruição do planeta.

Para Cavalcante (2017), pesquisador na área da psicologia ambiental, presencia-se hoje uma acelerada mudança nas condições climáticas globais, a extinção de numerosas espécies animais e vegetais; escassez e desaparecimento dos recursos hídricos; poluição atmosférica, efeito estufa, redução na camada de ozônio; superconcentração de populações em meio urbano e, com ela, falta de moradia, acúmulo de lixo, congestionamentos de trânsito, dentre outras adversidades que nos afligem.

A crise ambiental é o maior problema enfrentado pela humanidade atualmente, porque implica diretamente na sobrevivência de todas as formas de vida no planeta Terra e, há décadas, estudos demonstram que o aquecimento global é o problema mais importante e mais urgente que a humanidade já enfrentou. Tal cenário foi exposto pelo sexto relatório de avaliação do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, 2023) no 6º Ciclo de Avaliação, que afirmou que a emergência climática é real, com muitas consequências já irreversíveis e que a ação humana é, inequivocamente, a principal responsável.

O relatório também expõe que os atuais esforços para adaptações climáticas estão dispersos e deixam de lado algumas das comunidades mais vulneráveis. E se o planeta ficar muito mais quente, poderá se ver mudanças irreversíveis para alguns ecossistemas ao redor do mundo, o que seria catastrófico para as pessoas e toda a biodiversidade que dependem deles.

Quando falamos de combater as mudanças climáticas, não podemos alcançar ações efetivas sem considerar diversos saberes, entre os muitos importantes estão os saberes dos Povos Indígenas, Quilombolas e comunidades tradicionais. Essas populações são algumas das mais importantes protetoras da natureza. Pois para o IPCC (2023) esses povos e comunidades abrigam 80% da biodiversidade remanescente no mundo e 17% do carbono florestal do planeta. E para manter seu papel crucial no enfrentamento das mudanças climáticas, mostra-se necessário ocorrer ações de apoio e fortalecimento dessas comunidades.

Com isso, o presente estudo se justifica pela necessidade percebida em contribuir com o fortalecimento dos saberes dos povos tradicionais ancestrais no enfrentamento da problemática atual vivenciada. E percebendo que o futuro que se apresenta possui caminhos catastróficos para nosso planeta, propomos investigar os saberes ancestrais

dos povos Quilombolas na construção de epistemologias contracolonialistas nas obras do autor quilombola Antônio Bispo dos Santos.

O autor quilombola se colocou em seus escritos como tradutor dos saberes quilombolas, esses saberes são trazidos através das gerações e marcados principalmente pela oralidade. O autor sempre apresentou a missão de reunir esses saberes através da escrita, compreendendo que seus escritos não falam para seu povo, mas são ferramentas que repassam para os outros povos os conhecimentos já existentes nas comunidades quilombolas, para que estes pudessem olhar criticamente o processo de colonização e apagamento histórico de alguns povos. Então entende-se que esses escritos são tantos instrumentos de acesso, quanto de proteção e conservação desses saberes, ou seja, os conhecimentos escritos por Nêgo Bispo não são frutos de um único homem, mas a construção de saberes ancestrais repassados ao longo de gerações.

Assim, percebendo a grandiosidade da obra de Nêgo Bispo e a emergência atual sobre as questões ambientais, o estudo entende a necessidade de analisar e se aprofundar nos saberes quilombolas, escolhendo como campo de inserção os conhecimentos reunidos nas obras do presente autor destacado. Para isso, o estudo buscou uma investigação mais aprofundada no livro *Colonização, Quilombos: modos e significados* (2015) e no livro *A terra dá, a terra quer* (2023).

Colonialismo e a emergência ambiental

Para iniciar a análise das obras do autor quilombola, Nêgo Bispo, precisamos compreender os caminhos que se percorreram até vivenciar a atual emergência climática, com o avanço do pensamento eurocêntrico e sua busca incessante por matérias-primas com sua exploração desmedida e subjugação da Natureza.

Para Carvalho (2022) seguindo os pensamentos de Assis (2014) foi o processo de expansão comercial europeia, a partir do século XVI, e o consequente “descobrimento” das Américas que criou a condição ideal para o desenvolvimento do que conhecemos hoje como Colonialismo.

E para Césaire (1978) o saber europeu é incapaz de resolver seus problemas, pois a civilização europeia é:

Uma civilização que se revela incapaz de resolver os problemas que o seu funcionamento suscita, é uma civilização decadente. Uma civilização que prefere fechar os olhos aos seus problemas mais cruciais, é uma civilização

enferma. Uma civilização que trapaceia com os seus princípios, é uma civilização moribunda (Césaire, 1978, p. 13).

Quijano (2009) acrescenta também que esta invasão europeia das Américas reconfigurou a relação do ser humano no século XV com a natureza, formulando uma relação de exploração sem precedentes.

O colonialismo europeu, desde o início, legitimou barbáries humanitárias e degradação ambiental desenfreada. Baseado numa perspectiva de progresso, explorou a natureza e fundou um ideal de desenvolvimento colonizador. Este passou a ser visto como a única forma de desenvolvimento possível. “E assim, percebe-se que a relação humanidade-natureza, tem se tornado cada vez mais violenta e brutal” (Quijano, 2002, p. 04).

Nesta exploração desmesurada do meio ambiente, foi construída uma separação crucial entre o homem e o ambiente que nos permite entender a destruição do mundo natural atual. E segundo Catherine Walsh (2007), essa destruição está ancorada na separação tipicamente moderna entre natureza e sociedade, como se elas estivessem desacopladas, “como se a humanidade não fizesse parte da natureza ou como se a humanidade não fosse também natureza e elas estivessem planos distintos” (Walsh, 2007, p. 106-107).

“A natureza é compreendida e tratada como um objeto que pode ser explorado e moldado para a produção e reprodução de riquezas, de acordo com os interesses das elites nacionais ou seguindo a lógica de funcionamento do modo de produção vigente, o capitalista” (Alimonda, 2011, p. 22).

Durante essa separação, o conhecimento que proporcionava uma integração cosmológica foi marginalizado e considerado menos relevante para a solução de problemas. “Na modernidade, a natureza foi transformada em mercadoria” (Alimonda, 2011, p. 22), “a partir da separação entre sociedade e natureza (Walsh, 2007, p. 106)”. E neste distanciamento do homem e da natureza, constrói-se o humanismo como centro dos saberes, que coloca o homem como espécie mais importante e com direito de dominar e explorar todas as outras.

Para Antônio Bispo dos Santos (2023) o humanismo é uma palavra companheira da palavra desenvolvimento. No desenvolvimento eurocristão busca-se tratar os seres humanos como seres criadores, diferente das criaturas da natureza.

E é nesta desconexão com a natureza que autores quilombolas afirmam que nascem as necessidades dos povos de acumular (Santos, 2023). Essa necessidade surge da falta de confiança no ambiente natural, pois estão desvinculados do mundo natural.

Para Santos (2023), os saberes contracolonizadores compreendem as cidades como espaços essencialmente colonialistas. O autor apresenta que a cidade é o contrário de mata e de natureza. E foi com a construção das cidades que os humanos excluíram todas as possibilidades de outras vidas, pois este é um território artificializado, arquitetado exclusivamente para os humanos, e outra vida que tenta existir na cidade é destruída.

Os povos das cidades buscam se sentir importantes, eles veem o outro não como alguém necessário, mas sim como alguém útil (Santos, 2023). Essas relações de utilidades se desenvolveram e foram construindo formas de exploração e destruição cada vez maiores nos povos das cidades.

Essas relações de utilidade foram também criando uma desconexão dos seres humanos com o cosmo, gerando um medo e uma insegurança nesta relação. Assim, foi desenvolvida a cosmofofia, responsável por esse sistema cruel de armazenamento, de desconexão, de expropriação e de extração desnecessária (Santos, 2023).

A cosmofofia também é responsável pela acumulação mais do que o necessário. Assim, as pessoas precisam de somente certa quantidade de produtos para sobreviver, mas compram mais que o necessário gerando o desperdício. “A cosmofofia é a necessidade de desenvolver, de desconectar, de afastar-se da originalidade” (Santos, 2023, p.14).

Nas obras contracolonialistas de Nêgo Bispo (2023), a cosmofofia é equivalente ao pecado original e tudo que é autêntico tende a intimidar o euro cristão monoteísta. Seguindo o pensamento do mestre quilombola, a relação moderna com a natureza tem bases religiosas. Esse aspecto é crucial para entender os processos de colonização e a diferenciação dos povos em relação à natureza. É a religiosidade que vai definir as principais diferenças entre visões dos colonizadores e dos contra colonizadores, a diferença entre a religiosidade monoteísta e a religiosidade politeísta.

Então a visão colonialista será formada a partir da reprodução monoteísta presente na hierarquia para observar o seu Deus onipotente, onisciente e onipresente, sempre precisando direcionar o seu olhar para cima, desconectado de si e do meio no qual vive. Enquanto nos politeístas existem vários Deuses separados representando a

natureza, todos à volta do homem, estão em circularidade e não existe uma hierarquização entre Deus e os homens.

Dessa forma, depreende-se das análises de Nêgo Bispo (2015) que a emergência ambiental atual desenvolvida a partir do colonialismo nasce com o pensamento euro cristão de desconexão da humanidade com natureza e tem suas bases no pecado original e no seu castigo que foi se afastar da natureza. “Por isso Adão foi expulso do Jardim do Éden e o humanismo passou a ser um sistema, um reino desconectado do reino animal” (Santos, 2023, p.8). O antídoto à alienação moderna, ao mundo global, é o contracolonizar.

Biointeração no livro “Colonização, Quilombos: modos e significados”.

Nego Bispo (2015) apresenta, em seu livro Colonização, Quilombos: modos e significados, um modo de viver diferente, entre povos colonizadores e colonizados afro-pindorâmicos no Brasil. Essa diferenciação é baseada em cosmovisões diferentes. As cosmovisões se diferenciam principalmente a partir da biointeração dos povos tradicionais ancestrais com a natureza e com seus Deuses.

O conceito de biointeração, conforme apresentado por Antônio Bispo dos Santos (2015), refere-se à relação de interdependência e convivência harmoniosa entre os seres humanos e os demais elementos da natureza. Diferente da perspectiva de sustentabilidade, que muitas vezes assume uma visão antropocêntrica ao buscar a manutenção dos recursos naturais para atender às necessidades humanas, a biointeração propõe uma visão de que todos os seres vivos possuem igual importância e direitos, independentemente de sua utilidade para o ser humano.

Para Nego Bispo(2015), representante das tradições quilombolas, esse conceito está enraizado nas cosmovisões dos povos tradicionais, que compreendem o ambiente não como um recurso a ser explorado, mas como parte essencial da existência coletiva. A biointeração, portanto, enfatiza uma coexistência baseada no respeito, na reciprocidade e no equilíbrio ecológico, promovendo relações protetoras que reconhecem o valor intrínseco da natureza. Assim, o autor propõe uma abordagem crítica ao modelo hegemônico de desenvolvimento, indicando que a construção de um futuro mais justo e equilibrado depende da adoção de práticas que respeitem a diversidade biológica e cultural.

O autor mostra que as comunidades autônomas, como as indígenas e quilombolas, possuem uma relação diferente com a natureza e com a terra em que vivem. Por exemplo, nos quilombos existe um documento de propriedades, mas esse documento só tem garantia para o estado, pois o solo é de todos. Nesta terra todos podem cultivar, pescar e usufruir dos seus recursos naturais, desde que, esses recursos sejam respeitados e retornados para a comunidade (Santos, 2015).

Essa relação quilombola com a terra apresentada por Nego Bispo (2015) é uma das principais diferenças apresentadas pelo autor entre os colonizados e colonizadores. Essa diferenciação é marcada pela relação desses povos com sua religião, o que alicerça seu modo de se perceber em relação aos outros seres vivos do planeta e ao seu uso dos recursos naturais.

Para compreender o estudo de Nego Bispo (2015), é essencial analisar a religiosidade nos processos colonizatórios e a distinção dos povos em relação à natureza. Para Nego Bispo (2015) a diferença entre a religiosidade monoteísta e a religiosidade politeísta define as principais diferenças entre visões dos colonizadores e dos contracolonizadores.

Para definir os contrastes entre o monoteísmo cristão e o politeísmo dos povos contra colonizadores é preciso observar a diferenciação entre os cristãos e os ditos pagãos, e a hierarquia com seu Deus. Os povos europeus reproduzem essa hierarquia quando para olhar o seu Deus onipotente, onisciente e onipresente é preciso olhar para cima. Enquanto nos politeístas existem vários Deuses separados representando a natureza, todos à volta do homem, estão em circularidade e não existe uma hierarquização entre Deuses e os homens.

Essa diferença na religiosidade e biointeração é parte do contraste entre as cosmovisões, ou seja, da perspectiva de mundo dos conquistadores e dos contra conquistadores. E é nesses confrontos de cosmovisões que vão se desenvolver uma guerra. A guerra da colonização que acontece com o objetivo de destruir os modos e significados dos contra colonizadores.

Os modos de vida contra colonizadores então trazem essa referência muito forte do politeísmo, da não centralização de poder, da não hierarquização de poder e dos modos e significados muito diferentes.

Bispo dos Santos (2015) vai ser capaz de mostrar como esses projetos de destruição colonial estão se perpetuando até os dias de hoje. Essa destruição que se

exemplifica nas questões da preservação do meio ambiente e nos projetos ultraneoliberais de governo que buscam destruir todos os modos e significados das comunidades indígenas e quilombolas (Santos, 2015).

Na obra de Nego Bispo (2015) é apresentado conceito muito importante para compreender a biointeração dos povos contra colonizadores com a natureza, a confluência.

Confluência é a lei que rege a relação de convivência entre os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se ajunta se mistura, ou seja, nada é igual. Por assim ser, a confluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento plurista dos povos politeístas (Santos, 2015, p. 89).

Por isso, aqui, confluir é caminhar ao lado da circularidade, dos giros, das gingas, da pluralidade de cosmovisões para se pensar a relação entre o ser humano e o mundo (Silva, 2022). É a partir dessa lei que se gera os grandes debates entre a realidade e a aparência, ou seja, entre o que é orgânico e o que é sintético.

Nego Bispo (2015) afirma que é necessária a valorização do saber orgânico, pois a necessidade de transformação do orgânico em sintético, como algo inquestionável, inevitavelmente levará a humanidade a uma situação de miséria, fome e escassez generalizada

Assim, é possível compreender que um caminho para o enfrentamento da transformação dos saberes orgânicos em sintéticos é biointeragir com o universo de forma integrada (Santos, 2015). Para isso, precisamos refletir sobre nossas práticas atuais e não deixar os conhecimentos das comunidades ancestrais autônomas se dispersarem, para que continuem a ser repassadas para as gerações futuras e cultivadas nas crianças.

Dessa forma, com análises da biointeração, Nego Bispo (2015) desenvolve caminhos para superar os processos expropriatórios do desenvolvimentismo colonizador. Esse desenvolvimentismo demonstra-se insustentável e assim, sendo necessário passar por um processo de reedição dos recursos naturais a partir de uma lógica que seja pautada no conceito de biointeração. Com isso, é preciso olhar para o passado e buscar modos significativos das sociedades contra colonizadoras, para construção de uma esperança no futuro.

Nesse sentido, ressaltamos a importância de biointeragirmos com todos os elementos do universo de forma integrada, a ponto de superarmos os processos expropriatórios do desenvolvimentismo colonizador e o caráter

falacioso dos processos de sintetização e reciclagem do desenvolvimentismo (in)sustentável, pelo processo de reedição dos recursos naturais pela lógica da biointeração. Como vimos, a vida é mais simples do que parece, desde que as nossas condições de vivenciá-la não estejam movidas pelos sentimentos de manufaturamento e sintetização. Por isso, convidamos a nós mesmos e a todos aqueles que sempre nos atacaram a vivenciar conosco todos os nossos desejos, sonhos e possibilidades, materiais e imateriais, de emancipação humana na diversidade, com a nossa capacidade de universalizar a vida a partir do processo de escolhas (Santos, 2015, p. 100).

Demonstra-se, então, que os saberes dos povos estrutural e historicamente discriminados, sobretudo negros e indígenas, são uma potente ferramenta emancipatória para trazer novos pensamentos, questionamentos e desnaturalização das sociedades dos colonizados e dos colonizadores (Silva, 2022).

Meio Ambiente e confluências no Quilombo no livro “A terra dá, a terra quer”.

O griô quilombola Antônio Bispo dos Santos, o Nêgo Bispo, nos passa no livro *A Terra dá, a terra quer*, uma aproximação maior com os modos de vida nos quilombos e a sabedoria quilombola repassada de geração para geração nas formas de se relacionar com o meio e seres que lhe rodeiam desde o seu nascimento.

O autor quilombola diz que na história, na existência e na reexistência do povo quilombola, “Somos o começo, o meio e o começo” (Santos, 2019), e mais: que o quilombola é povo que, onde quer que esteja, é contracolonial, pois resistimos contra tudo e todos que planejam nos aniquilar, inclusive os neocolonialistas do século XXI – entre eles o Estado –, que, de maneiras diversas, tentam garantir o fim de nossa existência.

Ao estudar os saberes quilombolas contracolonialistas percebe-se que estes são repassados desde os primeiros passos de vida. Os mais velhos ficam encarregados de repassar e orientar sobre a sabedoria do seu povo, sempre ouvindo os bichos e a mata, em harmonia com o cosmo. E com a chegada da colonização tentou-se mostrar que esse modo de viver está errado.

Ao colonizar, modos de vida são atacados, marginalizados e enfraquecidos. E foi adestrando bois, que Nêgo Bispo (2023) afirma ter aprendido o que é colonizar. Para o autor tanto o adestrador quanto o colonizador começam por desterritorializar o sujeito atacado. Com isso, quebram-lhe a identidade, tirando-o de sua cosmologia, distanciando-o de seus sagrados, impondo-lhe novos modos de vida e colocando-lhe

outro nome. Assim, processo de denominação é uma tentativa de apagamento de uma memória para que outra possa ser composta.

Para Santos (2023) uma forma de enfraquecer o colonialismo é pegar as palavras do inimigo que estão potentes e enfraquecê-las e pegar as palavras contracoloniaisistas que estão enfraquecidas e potencializá-las. Por exemplo, se os colonialistas dizem desenvolvimento, é proposto como contrário para combatê-lo a palavra envolvimento. Para o termo desenvolvimento sustentável, foi trazida nos saberes quilombolas a palavra biointeração; para o saber sintético, o saber orgânico; para a coincidência, trouxemos a confluência (Santos, 2023).

A confluência, palavra germinada por Nêgo Bispo (2023), mostra que quando a gente confluí, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente, a gente rende, expande. “A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia” (Santos, 2023, p. 4-5).

Através da confluência permite-se entender no modo de vida quilombola a importância e o respeito dirigido aos outros seres que compartilham desse planeta. A confluência, a energia que move para o compartilhamento, para o reconhecimento e para o respeito (Santos, 2023).

Nos modos de existência ancestrais quilombolas, existe uma relação orgânica de respeito com todas as existências, pois todas as formas de vida são necessárias e não apenas importantes (Santos, 2023). Assim, cada vida se faz necessária neste planeta e não está dividida em grau de importância.

A sociedade colonialista faz com que os sujeitos sejam iguais, a comunidade contra colonialista mostra os diversos. Para Santos (2023) somos os diversosais, os cosmológicos, os naturais, os orgânicos.

Não somos humanistas, os humanistas são as pessoas que transformam a natureza em dinheiro, em carro do ano. Todos somos cosmos, menos os humanos. Eu não sou humano, sou quilombola. Sou lavrador, pescador, sou um ente do cosmos. Os humanos são os eurocristãos monoteístas. Eles têm medo do cosmos. A cosmofofia é a grande doença da humanidade (Santos, 2023, p. 4-5).

No quilombo, Santos (2023) relata que seus moradores são compartilhantes, desde que tenham nascido no quilombo ou que tenham uma relação de pertencimento. “E quando digo da relação de pertencimento com o quilombo, falo de uma relação com o ambiente como um todo, com os animais e as plantas” (Santos, 2023, p. 4-5).

Os saberes dos quilombos se mostram tão ricos, pois os quilombos não os construíram sozinhos. Nêgo Bispo (2023, p.27) explica que “para que fizéssemos os quilombos, foi preciso trazer os nossos saberes de África, mas os povos indígenas daqui nos disseram que o que lá funcionava de um jeito, aqui funcionava de outro”. “Nessa confluência de saberes, formamos os quilombos, inventados pelos povos afroconfluentes, em conversa com os povos indígenas” (Santos, 2023, p. 4-5).

O contracolonialismo surgiu desde a chegada dos colonialistas com suas humanidades e tentaram aplicá-las nos povos indígenas que viviam no Brasil e nos africanos da África que viviam em um sistema de cosmologia politeísta, integrados cosmologicamente. Nêgo Bispo afirma que o contracolonialismo é simples: é você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender. O contracolonialismo é um modo de vida diferente do colonialismo.

O contracolonialismo praticado pelos africanos vem desde a África. É um modo de vida que ninguém tinha nomeado. Podemos falar do modo de vida indígena, do modo de vida quilombola, do modo de vida banto, do modo de vida iorubá. Seria simples dizer assim. Mas se dissermos assim, não enfraqueceremos o colonialismo. Trouxemos a palavra contracolonialismo para enfraquecer o colonialismo. Já que o referencial de um extremo é o outro, tomamos o próprio colonialismo. Criamos um antídoto: estamos tirando o veneno do colonialismo para transformá-lo em antídoto contra ele próprio.

Os povos originários e quilombolas resistem ao antropoceno e ao colapso ambiental. Para Krenak não podemos nos render à narrativa de fim de mundo que tem nos assombrado, “porque ela serve para nos fazer desistir dos nossos sonhos, e dentro dos nossos sonhos estão as memórias de Terra e de nossos ancestrais” (Krenak, 2022, p. 37). Sobre saberes do futuro, Nêgo Bispo (2023) diz que prefere não falar em sonhos, mas em imaginários, pois os sonhos acabam quando acordamos. “Nos meus imaginários estou na retaguarda, confluenciando na condição de suporte da geração neta” (Bispo, 2023, p. 32-33).

Não há lugar para pensar a história como cena do progresso, do colonialismo e do tempo linear, projetado pela modernidade, foi cultivado neste ensaio de ancestralidade que não se confunde compassado, presente e futuro. “Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugere que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui” (Krenak, 2022, p.11).

Assim, depreendemos da sabedoria quilombola de Antônio Bispo dos Santos que “pensar contracolonialmente é germinar uma nova comunidade autorreflexiva da diferença e cultivar a comunidade dos diversos” (Bispo, 2023, pág. 16). “E que a partir das confluências percebemos que isto não dá conta de tudo, mas abre possibilidades para outros mundos” (Krenak, 2022, p. 42).

CONCLUSÃO

Podemos concluir as descrições críticas realizadas neste artigo compreendendo que a sabedoria quilombola trazida por Nêgo Bispo em suas obras demonstram um vasto espaço de saberes dos Quilombos e que podem apontar caminhos para o melhor enfrentamento dos problemas ambientais atuais.

Usar conhecimentos quilombolas para repensar nossa relação com a natureza é uma forma de valorizar saberes marginalizados e contracolonizadores. O contracolonialismo já está presente nos quilombos, então, o objetivo não é ensinar esses saberes aos quilombolas, mas fortalecer sua voz além de suas comunidades.

Percebe-se ao longo das análises dos escritos de Nêgo Bispo dos Santos (2018) que este se distancia da identidade de pensador, pois afirma que o debate sobre contracolonização nos quilombos, está se falando sobre os seus modos e as suas significações, então este não se posiciona como um pensador, em vez disso, como um tradutor (Santos, 2018). E que esse conhecimento já existente nos quilombos precisa ser respeitado e que pode trazer grandes contribuições para as formas atuais de se relacionar com o meio ambiente.

Assim, o mestre Antônio Bispo reiterava que somos comunidades demasiadamente envolvidas (com a vida em todas as suas formas e mesmo com os demais seres não vivos, mas que possuem valor simbólico e afetivo para nós); portanto, o (des)envolvimento não nos cativa.

Portanto, trazer para a centralidade dos estudos para os saberes ancestrais africanos e quilombolas mostra que é possível pensar um futuro com raízes no passado, ou seja, um futuro ancestral.

REFERÊNCIAS

ALIMONDA, Hector. **La colonialidad de la naturaleza: una aproximación a la Ecología Política Latinoamericana**. In: ALIMONDA, Hector. *La naturaleza*

colonizada: ecologia política y minería en América Latina. Buenos Aires: CLACSO: Ediciones CICCUS, 2011.

CARVALHO, Frederico. **Saberes Tradicionais E Educação Ambiental No Brasil: Possibilidades E Desafios** Revbea, São Paulo, V. 18, No1:113-125, 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/367969111_Saberes_tradicionais_e_Educacao_Ambiental_no_Brasil_possibilidades_e_desafios Acesso em 26 de jul. 2024.

CARVALHO, Rayann. **Colonialidade e extrativismo: existe direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado**. PerCursos, Florianópolis, v. 24, e0204, 2023. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/22855/16153> Acesso em 26 de jul. 2024.

CAVALCANTE, Sylvia. *et al.* (Orgs.) **Temas básicos em psicologia ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, n 1, 1978.

IPCC, 2023. Mudanças Climáticas 2023: Relatório Síntese. Um Relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas. Contribuição dos Grupos de Trabalho I, II e III para o Sexto Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas [Core Writing Team, H. Lee e J. Romero (eds.)]. IPCC, Genebra, Suíça, 2023.

HARAWAY, Donna **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthluceno**. Ed. 1, n-1 Edições, 2023.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2022.

OLIVEIRA, Assis. Direitos e/ou povos e comunidades tradicionais: noções de classificação em disputa. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 27, p. 71-85, 2013.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y des/colonialidad del poder. In: Congreso de La Asociación Latinoamericana De Sociología, 2009, Buenos Aires. **Actas [...]**. [S. l.]: Alas, 2009.

SANTOS, Antonio. **Colonização, quilombos: modos e significações**. 2. ed. rev. e amp. Brasília: Ayô, 2015.

SANTOS, Antonio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu; Piseagrama, 2023.

SANTOS, Sobre Somos simterra. **Piseagrama**, Belo Horizonte, número 12, página 44-51, 2018. Disponível em: <https://piseagrama.org/somos-da-terra> Acesso em 26 jul. 2024.

SILVA, Liliane. **Psicologia, povos tradicionais e perspectivas de(s)coloniais: Caminho para outra psicologia**. Psicologia: Ciência e Profissão, 42 (n.spe), 1-14.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pcp/a/BNyTVgPwMhh3frRsynkK6Pz/?format=pdf&lang=pt>

Acesso em 26 de jul. 2024.

WALSH, Catherine. **Son posibles unas ciencias sociales/culturales otras reflexiones em torno a las epistemologías decoloniales**. Nómadas (Col), [s. l.], n. 26, p. 102-113, 2007.